

Perseguindo rastros de história: Frantz Fanon e o avesso da pele

Chasing traces of history: Frantz Fanon and the dark side of skin

Gisele Novaes Frighetto¹

Resumo: Este artigo propõe uma investigação a respeito da representação literária do racismo e da violência racial no romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, em diálogo com o pensamento decolonial de Frantz Fanon, para descortinar de que maneiras este romance realiza a proposta de uma literatura antirracista enquanto prática estética e histórica. Consideramos que os romances de Jeferson Tenório perfazem um contraste entre as limitações colocadas pelo racismo e a potência de seus personagens, cuja trajetória é no mais das vezes alimentada pela consciência de direitos e dignidade. A ficção de *O avesso da pele* alia a dimensão individual à coletiva de personagens negras que perseguem autonomia por meio sobretudo da dimensão do saber, e isso se manifesta através de um estilo ao mesmo tempo lírico e realista, apegado às transformações interiores de seus personagens.

Palavras-chave: Frantz Fanon. Jeferson Tenório. O avesso da pele. Violência racial. Racismo.

Abstract: This article investigates how Jeferson Tenório's novel *The Dark Side of Skin* represents racism and racial violence, engaging with Frantz Fanon's decolonial thought, to demonstrate how the novel advances an anti-racist literature as both an aesthetic and historical intervention. We argue that Tenório's work not only exposes the constraints of racism but also reveals the capacity of black characters to reclaim autonomy, rights, and dignity, particularly through the pursuit of knowledge. *The Dark Side of Skin* unites the personal and communal struggles of Black individuals using a lyric-realistic style, emphasizing how literary form itself becomes part of the anti-racist project through characters' internal transformations.

Keywords: Frantz Fanon. Jeferson Tenório. The dark side of skin. Racial Violence. Racism.

Introdução

Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino.

(Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas*)

Na madrugada de junho, Santo Amaro estava em festa. A tradicional celebração junina da comunidade no Rio recebia gente de outros bairros e regiões para comemorar a cultura popular. As quadrilhas de São Gonçalo, da Providência e do Leme já tinham se apresentado. Era a estreia da quadrilha de Santo Amaro. Começa a música e os dançantes se dispõem a praticar os passos ensaiados, mas o momento é atravessado por

¹Pesquisadora de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2023/13152-5). E-mail: giselefrighetto@gmail.com.

balas de fuzil. Pessoas correm para todos os lados, crianças choram e, em meio aos gritos de desespero, seis pessoas caem feridas no chão. Um batalhão do Bope tinha invadido uma festa em que jovens, famílias e crianças se divertiam na noite de sábado para “caçar criminosos”. Deixou como rastro cinco pessoas baleadas e um jovem negro assassinado, um office boy, filho de membros da comunidade, pai de uma criança de dois anos. As imagens dos celulares mostram a ação violenta dos policiais, as pessoas fugindo de tiros, empurrando e pisoteando umas às outras; depois, os corpos em sangue e o silêncio amedrontado que se seguiu².

Longe de ser uma exceção, este evento cotidiano permite constatar o pleno curso do extermínio da população negra pelas mãos do Estado brasileiro que, segundo investigação realizada em 2023 pelo Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH), matou cerca de 17 pessoas por dia em intervenções policiais, alcançando mais de 6 mil mortes no ano (6.382). Em um país violento, a força policial tem sido algoz de uma política direcionada sobretudo contra jovens negros - oito em cada dez vítimas eram negras, e ao menos sete eram jovens entre 17 e 29 anos. Em contrapartida, os dados apresentados pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2024) denunciam uma morte violenta de agente policial a cada dois dias e um suicídio a cada três dias, no mesmo ano, o que demonstra a vitimização da força policial pelo mesmo estado de exceção. Fundado na subversão cotidiana do Estado de direito, este estado conta com a colaboração direta do Poder Público, do qual as forças de segurança fazem parte.

Viver atentamente neste século e neste país envolve a tomada de consciência da existência de ações intencionais por parte do Estado brasileiro para ceifar a vida do povo negro, e isso tem mobilizado a manifestação de artistas e intelectuais em discursos e obras. Destacamos nesse sentido a proposta de uma gramática negra contra a violência de Estado tal qual realizada por Paulo César Ramos, que, baseada no princípio de ponte

²Na madrugada do dia 07 de junho de 2025, uma ação do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope) invadiu uma festa junina que acontecia na Comunidade do Santo Amaro, no Rio de Janeiro, onde ocorria um encontro de quadrilhas juninas que vieram de várias regiões. Sob a justificativa de atuar sobre um conflito entre criminosos, policiais balearam cinco pessoas e mataram Herus Guimarães Mendes, um office boy de 23 anos, com dois tiros de fuzil. Após tentar responsabilizar “traficantes da comunidade” pelos disparos, a PM eventualmente afastou os envolvidos na operação, inclusive o agente policial que se responsabilizou pelos treze disparos realizados na direção das cerca de sessenta pessoas que estavam na festa.

semântica³, estrutura-se nos significados compartilhados e na produção de uma memória negra que proponha horizontes morais autênticos e que conte histórias diferentes daquelas propagadas pela memória oficial. Edificado na experiência coletiva de racialização, o protesto negro contra a violência policial busca projetar dimensões de reconhecimento que reajam a políticas de esquecimento, “[...] quando se perdem os sentidos emancipatórios dos processos sociais e os meios passam a se justificar por si mesmos [...]” (2024, p. 330), as mesmas políticas que vitimam jovens como Horus, meninas como Ágatha⁴ e mulheres como Claudia⁵, entre tantos assassinados pelas forças de segurança do Estado nas comunidades brasileiras.

Numa perspectiva que entrelaça os níveis ideológico, estético e material, podemos refletir de que maneiras a literatura tem feito parte das contribuições dos intelectuais negros para a luta antirracista, sem que isso implique prejuízo à “arquitetura do texto” ou ao “trabalho com a forma”, mas seja revelador do impulso de representar as formas de desumanidade de nosso tempo e de lutar contra o esquecimento. É nesse contexto que se apresenta a produção de escritores e intelectuais como Jeferson Tenório⁶, cujo projeto ficcional endereça diretamente a discriminação e a violência racial na sociedade brasileira. Consideramos esse escritor representativo de uma tendência relevante na ficção contemporânea, a de uma literatura “interessada” que recupera de modo renovado a proposta de uma cultura participativa, agora em chave globalizada e decolonial, que tem se disseminado graças à democratização dos modos de acesso ao conhecimento.

³Ramos (2024) parte da proposta de Axel Honneth de uma luta política que relaciona experiências individuais ao conjunto da coletividade, inseridas em uma demanda maior de reconhecimento, da qual a luta por redistribuição socioeconômica é parte integrante, mas não exclusiva.

⁴Ágatha Vitória Sales Félix tinha oito anos quando foi assassinada por um tiro de fuzil nas costas no dia 20/09/2019, quando voltava para casa junto com a mãe, na comunidade da Fazendinha, no Complexo do Alemão. O autor do disparo, um policial militar, foi absolvido pelo Tribunal do Júri do Rio de Janeiro (Figueiredo, 2024).

⁵Claudia Silva Ferreira tinha 38 anos e quatro filhos quando saiu para comprar pão no dia 17/03/2014. Foi baleada no pescoço e nas costas por Policiais Militares no Morro da Congonha, em Madureira, no Rio, durante uma suposta troca de tiros com traficantes. Colocada precariamente em uma viatura, foi arrastada por cerca de 350 metros e não sobreviveu aos ferimentos. Os agentes acusados de assassiná-la também foram absolvidos pela Justiça brasileira (O Globo, 2024).

⁶Além de escritor, Jeferson Tenório é professor e pesquisador de literatura, e tem concentrado seu trabalho acadêmico nos estudos pós-coloniais de literaturas africanas e portuguesas. Estreou com o romance *O beijo na parede* (2013), que trata do racismo cotidiano pela ótica de um menino, e seguiu com *Estela sem Deus* (2018), a melancólica e inquiridora vida de uma adolescente periférica que almeja a filosofia. O romance *O avesso da pele* (2020) foi premiado com o Jabuti de melhor romance e concluiu o que o autor nomeia “trilogia do abandono” (Literafro, 2025). O romance mais recente, *De onde eles vêm* (2024), narra a história de Joaquim, um dos beneficiários do sistema universitário de cotas quando de sua implementação, nos anos 2000.

Muito embora crave seu fazer diferentemente do relato jornalístico, calcado no real, a literatura tem se apresentado como um dos caminhos possíveis para se relacionar com o próprio tempo, e essa demanda “não se expressa apenas no retorno às formas de realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva” (Schøllhammer, 2009, p. 11). Os efeitos de presença se aliam a um sentido de experiência e se manifestam numa linguagem e num estilo mais enfáticos, em convivência com a urgência de “falar sobre o real”, o que faz com que a produção recente não possa ser entendida simplesmente enquanto retorno do engajamento realista com os problemas sociais; tampouco na chave da intimidade e do autobiográfico, mas em uma convergência na qual “os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo paradoxal e fértil” (Schøllhammer, 2009, p. 16).

Compreendidos no interior desse contexto, os romances de Jeferson Tenório, escritor e intelectual carioca radicado em Porto Alegre, perfazem um contraste entre as limitações colocadas pelo racismo e a potência de seus personagens, cuja trajetória é alimentada pela consciência de direitos e de dignidade. A ficção de Tenório alia a dimensão individual à coletiva de homens e mulheres negros que perseguem autonomia por meio sobretudo da dimensão do saber, e esses aspectos se exprimem em um estilo ao mesmo tempo lírico e realista, apegado às transformações interiores dos personagens. Suas narrativas promovem uma reflexão ampliada sobre violência racial sem se limitarem a concepções deterministas, já que seus personagens não são prisioneiros da História, mas buscam nela sentidos de compreensão do presente que promovam o seu destino.

Neste artigo, examinamos propriamente *O avesso da pele*, publicado em 2020, que traz desde sua contracapa a definição de ser “um romance sobre identidade e complexas relações raciais, uma obra contundente no panorama da nova ficção literária brasileira”. O texto de apresentação também destaca a mistura de sensibilidade e de brutalidade no relato do homicídio de um homem negro pelo Estado brasileiro. De fato, esses aspectos descrevem com justeza o romance, cuja história é contada em primeira pessoa por Pedro, um jovem estudante que rememora a história de seus pais, Henrique e Martha, até o assassinato do pai pela Polícia Militar de Porto Alegre. A subjetividade do ponto de vista se relaciona com a ênfase conferida às relações pessoais e aos dramas cotidianos, atravessados pelo realismo creditado à representação das violências do racismo estrutural. A partir desses expedientes, ao mesmo tempo em que representa a vivência

da pessoa negra no Brasil como marcada profundamente pela violência racial, revela possibilidades de subjetivação fundadas no afeto.

Consideramos que este romance brasileiro contemporâneo integra um campo de conhecimento transdisciplinar que está sendo sistematicamente constituído neste século através da experiência da pessoa negra, o que envolve a renovação de representações de negritude com vistas à conquista de autonomia. Essas transformações, por sua vez, relacionam-se em reciprocidade com a decolonialidade pelo questionamento da universalidade eurocêntrica e pela desconstrução de estruturas e saberes herdados da colonialidade, o que resulta em um pensamento dotado de dimensão política enraizado nas lutas de resistências das populações autóctones e afro-diaspóricas (Maldonado-Torres, 2023).

Além disso, a decolonialidade permite compreender o desenvolvimento das estruturas político-sociais de países periféricos, e sua construção se deve muito ao pensamento dos intelectuais martinicanos Aimé Césaire e Franz Fanon. Considerado fundador do movimento da negritude, Césaire expôs a barbárie colonizatória como gérmen das catástrofes históricas gestadas pelo fascismo europeu; enquanto Fanon aliou a psicanálise ao marxismo de Césaire para pensar a subjetividade da pessoa negra depois de séculos de inferiorização e de servilismo para, depois, formular estratégias políticas de combate descolonial. Intelectual e revolucionário, Frantz Fanon deixou dois textos fundamentais, *Pele negra, máscaras brancas* (1952) e *Os condenados da terra* (1961), que alimentaram a luta contra o racismo no Brasil, tanto no movimento negro quanto no pensamento de intelectuais como Sueli Carneiro, Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez.

Seus escritos interpelam um pensamento negro já convencido de que a luta antirracista compreende a violência racial como pilar da modernidade, e não como algo episódico, um acidente ou desvio. O racismo é a gramática moderna da política, da economia, do *ethos* social e da produção de conhecimento. Esse é o ponto de referência que explica a sua ampla recepção pelos movimentos negros e de mulheres negras, assim como sua essencial atualidade. (Pires; Queiroz; Nascimento, 2020, p. 9)

Estabelecemos aqui uma relação particular entre o pensamento de Frantz Fanon e o romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, uma vez que ambos perfazem o reconhecimento das reverberações dos séculos de escravidão e do colonialismo nas relações sociais, sem deixar, entretanto, de mirar um futuro alicerçado na luta política.

Enquanto prática estética, o romance funda realidades nas quais narradores contam histórias feitas de restos e, enquanto prática historicamente enraizada, reúne rastros de memória coletiva encarnados no literário. Nesse entremeio, a literatura se relaciona com o real enquanto mediação (Williams, 1977) na qual a materialidade da vida social é incorporada em suas formas constitutivas, aliada à imaginação e à sensibilidade, em uma abordagem que aqui abriga a dimensão étnico-racial como igualmente estruturante da vida sociopolítica e da criação artística.

História e memória são formas de entendimento do passado que nem sempre se complementam, mas que podem convergir na luta contra o esquecimento. Nesse sentido, pensamos de que maneiras a literatura não só pode contribuir para a construção de um imaginário antirracista, como também, nas suas inevitáveis relações com o mundo e na sua especificidade, oferecer rastros de histórias que apontem para o devir.

Os condenados da Terra: a pele

O avesso da pele se estrutura em quatro partes, *A pele*, *O avesso*, *De volta a São Petersburgo* e *A barca*. Principia pelos restos de Henrique, os objetos deixados em seu apartamento após seu assassinato pelos policiais, as roupas espalhadas e os materiais escolares que acompanharam sua vida de professor. Construída através de uma testemunha, o filho Pedro, a narração tem acesso irrestrito à interioridade do protagonista. A construção desse ponto de vista peculiar permite narrar eventos íntimos deste e de outra personagem – no caso, a mãe – e estabelecer uma linha de continuidade entre passado e presente, além de acrescentar em acúmulo os eventos violentos que culminarão na execução do pai. Assim, o narrador conta o linchamento e a prisão que Henrique sofrera por ser “confundido com um ladrão” e detalha as várias abordagens policiais, todas baseadas em discriminação racial.

Então, no início da rua, você viu uma viatura com as sirenes tocando, e àquela altura da sua vida, aos catorze anos, você já havia aprendido que aquela visão era um problema, não que você tivesse consciência de que a polícia te abordava porque você era negro, mas sua experiência já te dizia para se manter longe das viaturas. [...] Então você, ainda sentado, respondeu que estava esperando uma amiga que morava naquela casa. Eles riram do que você disse. *Amiga? De onde, neguinho?*, um deles perguntou. Da minha escola, você disse. Eles desligaram o carro. Resolveram que precisavam te dar uma geral. (Tenório, 2020, p. 146)

Jeferson Tenório constrói o personagem Henrique como um tipo ideal de homem negro ilustrado brasileiro, de meia-idade e origem pobre, abandonado pelo pai na primeira infância, que passou a vida sofrendo preconceito e violências de toda ordem motivadas pelo racismo. Existe uma referência constante a *Crime e Castigo*, romance de Dostoiévski, publicado em 1866, dedicado às histórias dos desvalidos do capitalismo incipiente em São Petersburgo, cuja leitura é interrompida em uma das revistas policiais arbitrárias pelas quais passou Henrique. Depois, este romance retorna como dispositivo didático de identificação entre professor e seus alunos negros e pobres. Semelhantemente à prosa do escritor russo, existe uma preocupação em *O avesso da pele* em examinar as cisões existentes na sociedade graças à desigualdade socioeconômica que, neste caso, é também estruturada racialmente. “O policial passou o coturno pelos seus pertences, como que procurando alguma coisa. Depois disse que aquela não era hora de estar na rua, você disse que era trabalhador. O policial mandou você *calar a boca senão te levo em cana, neguinho*” (Tenório, 2020, p. 150).

Como afirma Paulo César Ramos, a apresentação pública do poder e da hierarquia no Brasil se dá por meio de batidas policiais que colocam em prática a exclusão racial e que delegam à polícia o papel de performar a discriminação em atos de intimidação que muitas vezes terminam em assassinatos legitimados. Numa sociedade racista, “há a expectativa de que negros ocupem o lugar de negros, e brancos, os lugares de brancos” (2024, p. 42), o que nos remete à proposição do “lugar de negro”, de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg. Derivada da expressão de que cada um deve “saber o seu lugar”⁷, comunica a naturalização da racialização das posições sociais e determina como deve se dar a circulação nos territórios, regra cuja infração deve ser punida como a correção de uma desordem. “Em outras palavras, a morte de pessoas negras seria a própria produção da ordem – o que se espera, em determinadas circunstâncias, dos agentes estatais: matar” (Ramos, 2024, p. 25).

O protagonista navega pelas seções do romance em uma trajetória combativa que se encerra na quarta parte com uma alusão ao conhecido mito de Caronte, que comanda o rumo da barca dos mortos na mitologia greco-latina. *A barca* conta os acontecimentos que antecedem o fim do protagonista e se inicia com a fantasia racista de um policial

⁷A ideia de “lugar de negro” resulta de práticas discriminatórias contra a população negra como mecanismos de produção e reprodução de desigualdades, mas também pode ser convertido como dispositivo de luta e resistência, dando sentido à ideia de lugar como posição da qual se fala (Gonzalez; Hasenbalg, 2022).

militar, cujos pesadelos são povoados por homens negros que invadem seu apartamento e ameaçam sua família. Enquanto isso, Henrique busca sentido no seu fazer de professor e o obtém através de um trabalho justamente com *Crime e Castigo*, no qual transpõe as motivações do assassino Raskólnikov para a realidade de uma turma de Educação de Jovens e Adultos. São Petersburgo encontra a periferia de Porto Alegre, onde depois Henrique é abordado por policiais em uma “barca”, gíria para a viatura do Batalhão de Operação Especiais (BOPE). O encontro de sentido no trabalho docente faz com que o personagem reaja à opressão e se recuse a mais uma revista injustificada:

Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, o policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certeiro na cabeça. Os outros vieram simultaneamente. E a última imagem que você viu, foi a lua-gema-de-ovo-no-copo-azul-lá-do-céu. (Tenório, 2020, p. 177)

A citação aos versos da canção de Jards Macalé recobre de poesia a brutalidade da cena em que Henrique é assassinado. Sua morte se dá pela desobediência à expectativa de submissão do corpo negro, cuja exploração guarda séculos de história. Nas palavras de Abdias do Nascimento (1978), tudo isso faz parte de um genocídio calculado que envolve também aspectos simbólicos, como o embranquecimento da cultura negra. Muito embora o escravo negro africano tenha alimentado com seu suor e sangue a fundação da economia colonial e produzido, durante séculos, a riqueza material do país para usufruto da elite branca, a maior das tragédias humanas foi disfarçada pelo colonialismo português de benignidade para a salvação das almas. Descortinar a falácia colonialista se apresenta como tarefa central ao pensamento latino-americano, e para isso concorrem as contribuições de Frantz Fanon em *Os condenados da Terra*⁸, projeto teórico e prático de destruição desse sustentáculo de subalternidade.

Segundo Fanon, a colonialidade se fundamenta na violência e na compartimentalização entre mundos, cisão que demarca as oposições entre o humano e

⁸ Neste compêndio da experiência filosófica e política de descolonização publicado em 1961, Frantz Fanon se baseia sobretudo em sua experiência como revolucionário durante a guerra de independência da Argélia. Além de defender o uso da força contra o opressor, Fanon reflete sobre o papel do intelectual frente aos ideais burgueses capitalistas europeus, critica a cooptação de seu pensamento e concebe como a revolução descolonial pode reunir as forças produtivas urbanas articuladas com a população camponesa. O autor também reflete sobre a configuração dos partidos políticos e o rearranjo das forças internas após a descolonização, diante das lutas incessantes impostas pelos flagelos do subdesenvolvimento e pelo neocolonialismo, tudo isso em pleno contexto de Guerra-Fria.

o inumano, este último convenientemente atribuído aos não brancos para justificar a exploração e o massacre de seus corpos. De acordo com o autor, “[...] a afirmação do princípio ‘ou eles ou nós’ não foi um paradoxo, uma vez que o colonialismo, como vimos, é justamente a organização de um mundo maniqueísta, de um mundo compartimentalizado” (Fanon, 2022, p. 81). Essa separação é demarcada pelas forças de opressão do Estado, que nas sociedades capitalistas se atualizaram na forma com que as polícias atuam nos territórios negros e indígenas. Estes intermediários do poder usam uma linguagem de pura violência que resiste à descolonização, enquanto processo político de autonomia, e preserva a oposição entre os lugares de conforto e segurança dos brancos, de um lado; e a precariedade da vida nos territórios subalternos, de outro.

Nesse jogo, o ideal de humanidade é reservado para os brancos, que trazem na pele a ascendência europeia, e que exercem domínio através de uma gramática mobilizada pela violência, através da qual impõem valores, saberes e modelos políticos e econômicos, tanto sobre os povos africanos, quanto sobre os descendentes dessa diáspora forçada que foi a escravatura, engendrada para usufruto da força vital dessas populações humanas.

A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. Não pode, todavia, ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. Sabemos que a descolonização é um processo histórico, ou seja, que só pode ser compreendida, só encontra sua inteligibilidade, só se torna transparente para si mesma na medida exata em que se percebe o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo (Fanon, 2022, p. 32).

A solidez da herança do escravismo colonial se faz sentir na triste atualidade da opressão e da destruição do corpo negro no nosso país, como destino principalmente para os mais pobres e vulneráveis, o que é demonstrado a cada assassinato perpetrado pelo Estado brasileiro. A perseguição ao corpo negro sustenta-se também na desumanização que o torna a personificação do mal absoluto, fermento de alienação que justifica “[...] impunemente prendê-lo, espancá-lo, matá-lo de fome [...]” (Fanon, 2022, p. 41).

Se a Ditadura Militar propagou a ilusão de uma democracia racial; a redemocratização foi acompanhada da intensificação da atuação dos movimentos antirracistas e do ativismo negro contra esse estado de coisas. Paulo César Ramos considera que o tom de denúncia contra a violência policial tem sido crescente desde os anos 1970, partindo da crítica da discriminação racial nos anos 1980, passando pela

percepção mais direta de violência racial nos anos 1990 e chegando à denúncia contundente de um genocídio da juventude negra entre as décadas de 2000 e 2010. A escalada do tom do léxico negro corresponde a uma escalada da ação ou inação do Estado brasileiro no sentido de deixar morrer ou não deixar viver. “As frequentes barreiras sociais do racismo promovem um cerceamento das oportunidades do exercício dos direitos e do exercício da vida em si, impondo limites e/ou encerrando as possibilidades de vida e do viver” (2024, p. 25).

A história de Henrique evolui de professor desanimado pela brutalidade do sistema escolar brasileiro, que é reprodutor das nossas disparidades, para um educador que busca caminhos através da literatura. Sua trama nos leva à compreensão do racismo estrutural em sociedades colonizadas e, ao mesmo tempo, à busca de caminhos de re-existência na diáspora africana. *O avesso da pele* representa a importância da educação para a criação de uma consciência de negritude que dignifique a juventude e que questione os pressupostos da racialização, buscando no pensamento negro a compreensão e a revolta contra os efeitos do racismo. “Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quanto pela primeira vez você ouviu a palavra ‘negritude’, o seu entendimento da vida tomou outra dimensão [...]” (Tenório, 2020, p. 33).

Embora o genocídio negro seja o drama central neste romance, outros questionamentos de ordem étnico-racial são endereçados em perspectiva interseccional⁹, através das personagens femininas. A mãe de Pedro, Martha, é retratada como uma mulher solitária que fora atingida cedo por tragédias familiares consequentes da racialização da pobreza, pressuposto do feminismo negro que é abordado na trajetória dessa personagem, definido pelo “[...] reconhecimento do racismo e da discriminação racial como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil” (Carneiro, 2003, p. 129). Essa mulher negra também veicula o descontentamento com os movimentos negros que desconsideram as especificidades da condição feminina, como exprime em uma discussão com Henrique: “*O movimento negro nunca fez nada por mim. O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele*” (Tenório, 2020, p. 76).

⁹A interseccionalidade pode ser definida, grosso modo, como o entrecruzamento de formas de subalternização de raça, classe e gênero que, entre outras coisas, define a abordagem específica do pensamento feminista negro (Collins, 2022).

A construção de Martha viabiliza a representação das desigualdades de gênero pelo viés do racismo como elemento decisivo que acentua a subalternização de mulheres pobres. A personagem é uma órfã que perdeu o pai para o alcoolismo e a mãe para um atropelamento, também afetada pela adição, pois ela “[...] *bebia para se proteger da realidade. Ela era uma mulher negra, na década de oitenta, com quatro filhos para criar. Era o mundo contra ela e contra nós. Ela era uma presa fácil, entende?*” (Tenório, 2020, p. 76). Adotada por uma professora branca, Martha conhece a objetificação desde a adolescência e se casa jovem com um homem branco, que explora a sua força de trabalho e logo se torna violento contra ela. Este seria mais um aspecto realista do romance, dado que a mulher negra está mais exposta à discriminação de gênero, aos maus-tratos e à exploração, já que racismo e sexismo se aliam a situações perversas de exclusão e marginalização (Carneiro, 2003).

Porque nunca vi uma moça virgem gemer daquele jeito na cama, mexer daquele jeito, onde você aprendeu isso, sua piranha?, ele perguntava com os olhos estalados. Ao ouvir isso, minha mãe levantou os olhos e disse que aquilo já era demais, disse que ia embora. Foi então que o Vítor segurou-a com força pelos cabelos. (Tenório, 2020, p. 100-101)

O escravismo também nos legou a sexualização da mulher negra, que era o ponto mais vulnerável da cadeia escravista colonial, pois, além de ter explorada a sua força de trabalho braçal, também era submetida à violência sexual (Nascimento, 1978). A conversa com a tia após o enterro do pai traz o conhecimento a Pedro de que mulheres negras têm de lidar com as violências de gênero e com outras circunstâncias particulares, como a preferência dos parceiros amorosos e sexuais por mulheres brancas. Nesse universo, o termo “boa aparência” significa “ser branco” e é usado como eufemismo para a discriminação racial em entrevistas de emprego, numa atualização canhestra da assimetria existente nas relações de poder coloniais.

E pensei que você nunca tinha me dito nada sobre isso. Sobre suas irmãs, por terem tido pais diferentes, por serem mais escuras que você, e sobre o que elas passavam em Porto Alegre, por serem sempre intrusas em uma cidade racista como essa, pensei. Olhei para a minha própria pele. E era mais clara que a de meu pai e de minha mãe. E talvez por isso eu tivesse sido parado pela polícia duas vezes até ali. E fiquei pensando na crueldade de tudo aquilo. (Tenório, 2020, p. 181)

Como podemos perceber, *O avesso da pele* se constitui como radiografia literária do racismo estrutural brasileiro em seus efeitos mais violentos para homens e mulheres

negros, e seu foco narrativo, centrado nos efeitos disso tudo em um narrador-testemunha que é filho, reforça a transmissão intergeracional do trauma. O romance também aborda a dimensão racial da difusão da pobreza, da qual tanto Martha, quanto Henrique, tentam fugir por meio do acesso à educação. “Tinha medo da pobreza. Ter filhos para ela não significava gerar a vida, ter filhos para minha mãe era como gerar espólios, porque era assim que ela sempre se sentia. Ter filhos era para ela uma espécie de arqueologia da pobreza” (Tenório, 2020, p. 102).

A prosa do romance é marcada pela presença de realismo formal e de linguagem coloquial, em meio à narração subjetiva, com momentos importantes de reflexão social e histórica. Considerando o campo histórico e da memória coletiva enquanto espaços de disputa e dissensão, *O avesso da pele* se inscreve na linha de romances como *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, que contrariam o mito da democracia racial ao evidenciarem o caráter escravista de nossas relações sociais, que fazem de raça e cor marcadores fundamentais de desigualdade e de exclusão.

Pele negra, máscaras brancas: o avesso

Dedicado ao filho do escritor, *O avesso da pele* traz como epígrafe a primeira cena de *Hamlet*, “Quem está aí?”, em que o oficial Bernardo prescrua a esplanada do castelo em busca do fantasma do rei morto. Como se sabe, a célebre tragédia shakespeariana¹⁰ integra uma longa linhagem da literatura que trata das complexas relações entre pais e filhos, e que remonta a narrativas mitológicas como Édipo Rei. Essa temática é incorporada no ponto de vista de *O avesso da pele*, tecido na forma de um diálogo no qual o filho conversa com o pai para resgatar pedaços de uma história fragmentada, cujas marcas de interlocução nos remetem à *Carta ao Pai*¹¹, de Franz Kafka. Porém, enquanto a *Carta* é um acerto de contas com um comerciante judeu despótico, que incute autodecepção ao filho como um parasita; a figura paterna escrita por Jeferson Tenório inspira não só a consciência da cor e da opressão, mas a busca de caminhos de liberdade.

¹⁰ Escrita entre 1599 e 1601, *A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, é a mais longa peça de William Shakespeare e conta o destino do príncipe dinamarquês que tenta vingar o assassinato do pai.

¹¹ A carta em questão foi escrita em 1919 por Kafka, que contava então com 36 anos, e nunca foi entregue ao seu remetente, Hermann Kafka. Mostrada a familiares e amigos, foi publicada apenas após a morte de Franz Kafka em 1924.

Sei que o tempo foi passando e que o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida. (Tenório, 2020, p. 183)

Está inadaptado para a vida; para poder se instalar confortavelmente nela, despreocupado e sem autorrecreações, você demonstra que eu lhe tirei toda a capacidade para a vida e a enfiei no meu bolso. Que importa agora que você seja incapaz para ela? “A responsabilidade é minha, mas você se espreguiça tranquilamente e se faz arrastar física e espiritualmente por mim.” (Kafka, 1997, p. 73)

Ainda, o trauma em *O avesso da pele* não provém da tirania paterna¹², mas da violência racial como legado e como aquilo que interrompe a vida. Existe aqui um viés racial na interpretação de dispositivos freudianos como trauma¹³ e Complexo de Édipo, que permite interpretar a trama como alegoria do imperativo subjetivo de “matar o pai”, ao passo que possibilita uma aproximação com a teoria de Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*¹⁴. Se Freud postula a tragédia de Sófocles como paradigmática das relações familiares, o psiquiatra martinicano compreende a dimensão familiar de modo distinto, uma vez que o trauma de pessoas negras proviria sobretudo do momento em que passam a conviver com os brancos. Esse aspecto é brevemente tratado através de Henrique, que aponta para a ineficiência da psicanálise na compreensão da vivência negra, caracterizada pelas barreiras internas e externas encontradas nas relações com os brancos. “A psicanálise tinha cor e ela era branca, você pensou. E definitivamente havia coisas que escapavam a Freud” (Tenório, 2020, p. 85).

A dimensão psíquica do racismo é examinada por Frantz Fanon por meio do exame de obras literárias e da própria experiência, associados à psicanálise (freudiana e lacaniana) e ao marxismo para mapear a interioridade da pessoa negra. Essa

¹² Fanon (2008) faz várias comparações entre racismo e antissemitismo pelo critério da discriminação – negros são inferiorizados pela cor da pele; os judeus, pela religião e pelo espírito pragmático. De todo modo, tanto as categorias de “negro” quanto de “judeu” existem a partir de uma diferenciação que foi traçada pelo europeu.

¹³ Grosso modo, a definição de trauma em Freud consiste na vivência de uma situação extrema, da qual o Eu se protege por meio de uma fuga numa postura de sua própria subjetividade. “Tanto podemos dizer que o velho Eu se protege do risco de vida mediante a fuga na neurose traumática, como se defende do novo Eu, percebido como ameaçador para sua vida.” (2010, p. 385).

¹⁴ Publicado em 1952, este texto de Fanon alia literatura e psicanálise às contribuições de Aimé Césaire para pensar a condição da pessoa negra colonizada face à outridade europeia e branca, desmistificando os mal-entendidos e os pré-conceitos construídos a respeito dessa mesma condição. A questão colocada é a de como a subjetividade da pessoa negra, sobretudo a antilhana, abriga a inferioridade ligada à cor e à origem, de um lado, e adere a possibilidades de superioridade dadas pela aproximação com a branquitude e com os espaços metropolitanos, de outro.

subjetividade seria marcada essencialmente pelo sentimento de inferioridade em decorrência das marcas deixadas nas sociedades pelos efeitos materiais e simbólicos da escravidão. Exterior aos indivíduos, o racismo também é interiorizado, e foi instrumentalizado para levar civilizações a se edificarem territorialmente, economicamente e politicamente sob a direção e autoridade dos brancos. A inferioridade é tão somente o correlato da superioridade europeia, uma vez que “[...] é o racista que cria o inferiorizado” (Fanon, 2008, p. 90). Diante disso, ser branco se coloca como destino a ser almejado pelo homem negro como condição mesma de conquista de humanidade, o que leva a um questionamento da noção eurocêntrica de homem universal. “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (Fanon, 2008, p. 27).

A existência para-o-outro da pessoa negra a leva a adotar “máscaras brancas” para conquistar um senso de pertencimento e dignidade. Assim, o jovem Henrique se move acanhado pelo mundo, acometido por uma úlcera, metáfora da ferida interior e do sentimento de inferioridade desse personagem. Na admissão de seu primeiro emprego como *office boy*, ouve “*não gosto de negros*” (Tenório, 2020, p. 20) do advogado que encarna o privilégio branco, que “gostava de mulheres bonitas e carros importados” (p. 22). Mas a sorte do protagonista muda quando começa a namorar jovens brancas, em relações desiguais marcadas pelo preconceito e pela fetichização do corpo e da sexualidade negras. “Pois *uma branquinha daquelas com um neguinho desses, ha, ha, ha, não podia ser*” (Tenório, 2020, p. 28).

O temor ao negro aparece no romance ligado ao vigor sexual tido como extraordinário, “*É verdade que eles são insaciáveis?*” (Tenório, 2020, p. 30), em uma dinâmica de erotização do racismo que apenas é interrompida quando o personagem entende a dimensão de sua negritude. “*Não sou teu preto. Meu nome é Henrique*” (Tenório, 2020, p. 35). Fanon (2008) afirma que o homem de cor busca, nas relações amorosas com mulheres brancas, tomar posse não apenas de uma identidade, mas de uma cultura e de um status na sociedade que são brancos. Quando Henrique e Martha enfim se encontram, homem e mulher negros, a última fora atraída pelo status que aquele obtivera aos seus olhos por namorar mulheres brancas. Apesar da comunhão da cor, porém, não há possibilidade de felicidade conjugal para esses personagens, pois a união dessas duas pessoas demasiado fraturadas resultará em um casamento que eventualmente não dará certo.

Semelhantemente ao pensamento fanoniano, o romance de Jeferson Tenório é construído por um intrincado amálgama de ficção, sociedade, História e psicanálise, através dos quais realiza um inventário subjetivo de seus personagens em dois eixos que se desenvolvem paralelamente, a vida social e a vida familiar. Em função disso, as violências se dão ao passo que os personagens crescem e se desenvolvem no plano individual, em meio a alegrias e frustrações, no que consiste um grande mérito deste romance, que é a dimensão sensível de seus personagens. Ainda, o tecido textual estabelece uma rede transcultural de intertextos com o cinema, a literatura e a música popular brasileira, como as referências a canções de Luiz Melodia e Jards Macalé, a exemplo do projeto de Henrique de “[...] levar Kafka, Cervantes, James Baldwin, Virginia Woolf e Toni Morrison para eles [alunos]. Depois daquela noite, tudo era possível. Aquilo estava te salvando do abismo” (Tenório, 2020, p. 176).

Se o narrador kafkiano é um homem frustrado, inferiorizado na relação com um pai enérgico, o Pedro de *O avesso da pele* é um jovem estudante de arquitetura que está descobrindo o amor. Sua trama gira sobretudo em torno da relação com Saharienne, uma jovem negra que, como Pedro, possui uma consciência sobre a própria condição alimentada primeiro na família, depois nas relações sociais. A relação com essa jovem, cujo nome deriva do deserto africano, não é desigual, mas delicadamente representada como um amor sutilmente rejeitado, comum na juventude. “Acho que Saharienne era ampla demais para mim e talvez eu não estivesse preparado para ela” (Tenório, 2020, p. 112). Se os pais de Pedro tiveram árduos caminhos de vida - e de morte -, o filho abre a possibilidade para uma existência outra, junto com o preconceito e o trauma, inspirada por outras vivências.

Do ponto de vista da linguagem literária, podemos afirmar que a narração subjetiva deste romance, apegada à interioridade dos personagens e ao cotidiano, dá ensejo a um realismo subjetivado, no qual sobressai uma individuação do relato, na medida em que o ponto de vista é deslocado para a consciência do narrador-testemunha. O título exprime o delicado equilíbrio entre a exterioridade brutal e a interioridade que se cultiva pelo intelecto e pelos afetos. De ordem semelhante se dá a desalienação do negro para Frantz Fanon, para quem o resgate da negritude e a recusa de submeter-se aos brancos são o estágio necessário para escapar desta relação desigual. “Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais

profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita” (Fanon, 2008, p. 126).

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob este domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. (Tenório, 2020, p. 61)

O trecho explica a escolha do ponto de vista e da própria linguagem da narrativa de *O avesso da pele*, sensível e imagética, sensorial, que perfaz também trajetórias de descoberta e de construção de identidades através de uma concepção de si como potência de ser. Não há propriamente um desfecho feliz, mas a ideia de continuidade de uma luta em outros termos, desta vez na figura do filho Pedro, que afirma nas linhas que fecham o romance “Tenho ogum em minhas mãos porque agora será a minha vez” (Tenório, 2020, p. 188).

Considerações finais

A existência de um estado de exceção como sustentáculo das relações de poder se faz representar em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, pela representação literária do extermínio da população negra pelas mãos do Estado brasileiro. A subjetividade do ponto de vista, de um narrador que é testemunha e participante dos eventos, relaciona-se à ênfase nas relações pessoais e nos afetos dos personagens, atravessados pelas problemáticas estruturais da desigualdade social, do racismo e da violência racial. O romance entrecruza as violências sofridas pelos personagens à inferioridade imposta ao corpo negro como herança histórica e cultural da escravidão e do colonialismo. Na prosa do romance, na qual estão presentes recursos expressivos da linguagem coloquial, o assassinato de um professor negro configura uma espécie de tragédia anunciada, uma vez que “No sul do país, um corpo negro será sempre um corpo em risco” (Tenório, 2020, p. 184).

Além disso, o romance traz à tona a consciência negra e a luta por igualdade de direitos como herança intergeracional transmitida de pai para filho, conjuntamente à dimensão traumática de existir em um país racista. Esses elementos nos permitiram

estabelecer relações com o pensamento de Frantz Fanon, cujo projeto decolonial expôs o racismo como pilar da modernidade e interpelou movimentos de homens e mulheres ao fornecer categorias que propulsionaram a luta política. Ao falar por aqueles que ainda não tinham voz, Fanon exprimia o desejo de se perder na “[...] negritude, de ver as cinzas, as segregações, as repressões, os estupros, as discriminações, os boicotes. Precisamos botar o dedo em todas as chagas que zebram a libré negra” (2008, p. 159). Afinal, antes de perguntar a posição do homem negro no contexto universal, cabe prover condições para que este seja de fato um homem de direitos, já que não pode haver cultura onde não há o “mínimo humano”.

A literatura de Jeferson Tenório, nesse sentido, apresenta-se enquanto contribuição ficcional para a construção de uma “memória negra” que questione a ilusão da existência de uma democracia racial. Desse modo, seus romances propiciam uma renovação das representações negras em literatura por meio do cultivo de enredos e de personagens complexos, considerando a dimensão do imaginário como decisiva para a demanda de reconhecimento.

Se a História se apresenta como um campo de embates, desavenças e disputas, a narrativa literária pode motivar que se olhe para fora do livro e não se esqueça dos nossos mortos, cujos restos de história podem convergir para um reconhecimento que alimente “[...] o alargamento dos sentidos de democracia, igualdade e justiça social, noções sobre as quais gênero e raça impõem-se como parâmetros inegociáveis para a construção de um novo mundo” (Carneiro, 2003, p. 130).

Referências

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo. Veneta: 2020.

COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e castigo**. São Paulo: Editora 34, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Carolina. Caso Ágatha Félix: Júri absolve PM apontado como autor do tiro que matou criança. **CNN**. 09.11.24. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-agatha-felix-juri-absolve-pm-apontado-como-autor-do-tiro-que-matou-crianca/>. Acesso em 03 de dezembro de 2025.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LITERAFRO. **Jeferson Tenório**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1239-jeferson-tenorio>. Acesso em 03 de setembro de 2025.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 27-53.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **ObservaDH divulga dados de violências praticadas por agentes de segurança pública**. 27.12.2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/dezembro/observadh-divulga-dados-de-violencias-praticadas-por-agentes-de-seguranca-publica>. Acesso em 31 de agosto de 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Rafael; LOUREIRO, Anna Beatriz. Office-boy morre baleado em festa junina no Rio; tiros disparados durante ação policial deixam também 5 feridos. **G1**. 07.06.2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/06/07/moradores-do-santo-amar-o-relatam-tiroteio-em-acao-durante-festa-junina.ghtml>. Acesso em 31 de agosto de 2025.

O GLOBO. PM do Bope afastado pela morte de jovem no Santo Amaro confirmou em depoimento ter sido o único a atirar durante operação. **O Globo**. 11.06.2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/06/11/pm-do-bope-afastado-pela-morte-d-e-jovem-no-santo-amaro-confirmou-em-depoimento-ter-sido-o-unico-a-atirar-durante-operacao.ghtml>. Acesso em 31 de agosto de 2025.

O GLOBO. Como uma mulher, mãe de quatro filhos, morreu arrastada por carro da PM. **O Globo**. 19.03.2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2024/03/claudia-ferreira-como-uma-mulher-mae-de-quatro-filhos-morreu-arrastada-por-carro-da-pm.ghtml>. Acesso em 03 de dezembro de 2025.

PIRES, Thula; QUEIROZ, Marcos; NASCIMENTO, Wanderson do. A linguagem da revolução: ler Frantz Fanon desde o Brasil. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 7-28.

RAMOS, Paulo César. **Gramática negra contra a violência de Estado**: da discriminação racial ao genocídio negro. São Paulo: Elefante, 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHØLLHAMMER, E. K. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STADLER, Thiago David; KRACHENSKI, Naiara. História, colonialismo, epistemologia: Aimé Césaire, Frantz Fanon e o pensamento decolonial. **Revista Estudos Libertários**, v. 1, n. 1, p. 36-48, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/20633>. Acesso em 31 ago. 2025.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

William Shakespeare. **The tragedy of Hamlet, prince of Denmark**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000326.pdf>. Acesso em 02 de setembro de 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and literature**. London: Oxford University Press, 1977.

Data de submissão: 05/09/2025

Data de aceite: 25/11/2025